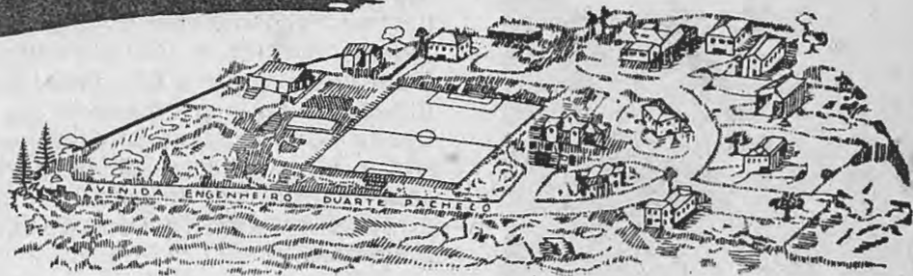


Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º—187
Preço 1\$00

BARREDO

Barredo veio à nossa aldeia, em cinco camionetes, no primeiro domingo de Abril, que calhou, este ano, no dia dos enganados; mas ninguém veio ao engano nem se foi enganado! O Pároco vinha à frente. O Pároco do Barredo vive no meio dos pobres —pobremente. Tem acontecido encontrá-lo na sua área e seguimos de braço dado, a falar do que nos interessa; a vida do Pobre. *Estou aqui há doze anos, quase contente*, me disse ele, de uma vez. Gostei. Há beleza naquela expressão. E há muita verdade. *Quase contente*. Este adverbio de quantidade é o que mais convem à pessoa humana; nós somos um quase nada de tudo. Somos um nadinha de cada coisa. Tudo de tudo, só o Criador! O abade de S. Nicolau, define a visita dos seus paroquianos: *são pobres, alguns muitíssimo pobres. E' o Barredo que todos amamos a dar sinal de si.*

Sim meu bom Padre; todos amamos o Barredo. Quer ouvir? Aquele pequenino de 4 anos que jaz à espera de um Sanatório, tem cama no Sanatório da Paredel! A notícia entrou no coração de um assinante. Soube da sorte do pequenino. Amou o Barredo e quando se ama por amor de Deus não há dificuldade que se não vença. *O menino fica aqui muito bem e será muitíssimo bem tratado e só lhe faltarão, por serem insubstituíveis, os carinhos da mãe.*

Mas ele haverá no mundo uma carta dechamada mais eloquente?! Quam diferente das guias e mais papeis da burocracia! Como nós vemos a distancia a suprema alegria de João de Deus que apanhava na rua os seus doentes e os conduzia aos seus hospitais!

Sim, meu Padre, todos amamos o seu Barredo! Mas há mais. Quer ouvir?

Sou eu que vou por lá e oiço aqui e além—*estiveram cá umas senhoras.*

—Quem são elas?

—Não sabemos.

Eu também não sei. E' o Pai Celeste a tocar as almas, a fazer sentir, a mover e a extremecer. Nós todos amamos!

Desta feita, entrei pelo Largo da Sé e desci as escadas de degraus altos, hirtos, incómodos. A primeira visita foi na gateira de um prédio. Conversamos. *Quando é que torna?* Mais abaixo é uma doente de há longo tempo. Tem marido e tem filhos e tem a Caixa e tudo isto é pouco. Ela

mesmo mo disse—*não dão o que a gente precisa*,—enquanto me passava um monte de receitas da Federação das Caixas. Desandei. Há tristeza na minha alma. Sofrer por amor da justiça é sempre uma dor. Vem agora uma outra que me quer dar um abraço muito apertado no dia em que se puder levantar da cama e dar dois passos na casa. A esperança é um alimento.

Já um mais acima não é da mesma opinião. Esse quer morrer. *No principio queria ter vida mas agora não meu padre.*

Aqui de onde escrevo, vejo-o. Aonde quer que me encontre, vejo aquele homem, robusto outrora e hoje sentado na cama com os queixos sobre os joelhos: *falta-me o ar!* E falta-lhe tudo!

Senhor do Céu; Justo Juiz dos vivos e dos mortos! Como é possível que todos nós sejamos tão ignorantes!! Falamos tanto e não dizemos nada!

Os Nossos Vendedores

ABEL e Hélio, foram os primeiros de Guimarães. Contam maravilhas! Comeram em casa de *uns senhores*. Perguntados o que tinha sido, Abel, com medo de trocar nomes, responde que fora *um comer atestado*.

Eles nunca tinham estado naquela cidade, mas isso não é causa impediante. Quem andou afeito, por muitos anos, a resolver seus problemas sem dinheiro, agora, com as algibeiras quentes, quem é que teme? Chegaram às dez e às doze tinham vendido tudo!

Eles penetram nas sacristias, à hora em que os Padres estão em marcha para o altar. Interceptam. Dizem o que querem: *diga que estamos aqui e que nos comprem o jornal*. O sacerdote, assim apanhado, fica totalmente vencido. Anuncia os visitantes O exito é certo. Todos compram. *Muitos perguntam-nos coisas*, informa o Hélio. Abel, que está ao pé, confirma e remata: *mas nós não dizemos nada. A gente quer mas é vender.*

Campanha dos cinquenta mil

Atenção à circular que vai dentro. Leiam. Meditem. Formem a consciencia e... andem prá frente, como diria o nosso Presidente. Eu cá já ando a tratar da compra de uma Rotativa... Eu ando prá frente.



Aqui, LISBOA!

O Alentejo também colaborou na nossa festa. De lá veio um grande caixote de carne admiravelmente preparada. A forgonete que foi por ele a Lisboa, vinha derreada, com o excesso de peso. Ao Marquês, o homem do T. na braçadeira vermelha, apitou. Informou-se do conteúdo, da proveniência e do destino do mesmo e por fim, perfilou-se e deixou passar.

Está entre nós um súbdito de Holanda. Tenho-o visto espicaçado a observar atentamente o trabalho dos Rapazes no campo, nas oficinas, na cozinha etc. O homem está encantado.

Na Holanda, perguntei, não

há rapazinhos perdidos pelas ruas?

—Oh, não!

—Mas não há por lá orfãos, vítimas da guerra, ou mendigos?

—Orfãos, sim; mas para eles temos os orfanatos; mendigos, não! Eu nem sabia o que era um mendigo. Só pelos romances. O primeiro que vi foi em Paris.

—E as famílias pobres... numerosas, como se governam?

—O chefe tem o seu ordenado e o Estado supre o resto. Na minha aldeia, a dez quilómetros de Nimegue, um pai que tem dezasete filhos, recebe mais que o Presidente da Câmara.

—E os velhinhos?

—Todo o homem aos sessenta anos, tem um subsídio que lhe basta para viver.

As amendoas do missionário foram benção que ainda se prolonga. Do Montepio, do Francfort, da Cecil, de Bucelas e de famílias amigas, elas têm continuado a chover acompanhadas de bolos, figos secos, reбуçados e marmelada, permitindo-nos assim adoçar a boca a um milhar de crianças

A Nestlé enviou 24 latas de leite condensado e 12 quilos de Nescau. A Mocidade Portuguesa F. mandou também aqui duas delegações: uma do Liceu D. Filipa de Lencastre, outra do Centro n.º 41. Despejaram aí quase uma centena de cartuchos com os mais variados géneros de mercearia. Muito simpática esta iniciativa da Mocidade—ensinar aos que podem o gosto de repartirem pelos irmãos que nada têm. Talvez por isso, veio aqui um moço trazer o seu primeiro ordenado—2 940\$00. Começa bem, que Deus o ajude. Mais 50 duma criada de S. Sebastião da Pedreira; 250 duma promessa entregue a um vendedor do jornal; 40 em homenagem à memória da pessoa querida que em vida sempre se dedicou aos pobrezinhos; 100 duma «figueirense» que continua a

(Continua na página seguinte)

INSTITUCIONISMO

TENHO aqui uma carta registada de Montevideo, aonde me pedem material elucidativo da *Obra da Rua. Mande-nos tudo quanto puder, para ajudar um grupo de Uruguaios a fazer uma grande reforma nos asilos*. E assim como já se fez para Roma e para outras nações, também o Avelino despachou para aquela terra o que tínhamos à mão. É o nosso modesto concurso para a libertação da criança da rua. Nós desejamos que ela, a Criança Deserdada, seja objecto de amor irradiado e não das regras e normas de uma instituição fechada. É impossível que a desejada reforma dos da América Central, não venha também a produzir-se na nossa querida Pátria, como está sucedendo noutras nações; é impossível. Que podêmos nós esperar do presente e do futuro de milhares e milhares de rapazes e de raparigas sem família, condenados a uma vida que não é, entregues às normas e regras de uma Instituição feita de papel de vinte e cinco linhas, que podemos?!
Com menos dinheiro e esforço, dê-se mais alegria à criança afei-tada a chorar. Como? Fazendo dela o centro da Instituição. Interessá-la na vida da comunidade. Fazer de cada rapaz ou rapariga um trabalhador de responsabilidade. Chamá-los. Nada de institucionismos. Mais e melhor: interessar o grande público. Ora tenham a bondade de ler:

11^{mo} Snr. 5 de Abril de 1951
Carlos Rebelo Gonçalves
Porto

Em virtude da deslocação a Lisboa do Pessoal desta Filial, peço-lhe o favor de autorizar a ida do n.º empregado, Francisco de Pinho Ferreira, pois gostaria imenso que o mesmo acompanhasse os seus colegas neste passeio.

Com os meus agradecimentos e esperando o bom acolhimento a este pedido, subscrevo-me

Atenciosamente
Dr. A. Lavezzari

Leiam agora a resposta do Carlos Gonçalves:

Ex.^{mo} Snr. Dr. A. Lavezzari Porto, 5/4/51

Em resposta à carta de V.^a Ex.^a, peço desculpa de não poder autorizar a deslocação a Lisboa do Francisco, pelo único motivo do seu mau comportamento ultimamente.

Mais uma vez peço desculpa e agradeço a amável oferta de V.^a Ex.^a.

Carlos Gonçalves

O patrão do rapaz não esperava e perguntou-lhe a quem havia de recorrer. Isso agora só uma cunha, disse. A cunha é uma carta cheia de beleza. Ei-la:

Ex.^{mo} Snr. Porto, 5 de Abril de 1951
Padre Américo
Paço de Sousa

Reverendo Padre,

Peço-lhe desculpa se venho com a presente roubar-lhe um pouco do seu precioso tempo.

Tenho organizado para o próximo Domingo, dia 8, uma excursão de todo o Pessoal da Fiát a Lisboa, por ocasião do desafio de foot-bal entre Portugal e Itália.

Naturalmente, no Pessoal está incluído o Francisco Ferreira, mas soube, pelo mesmo interessado, que o seu chefe não lhe permite esta distração por motivos disciplinares.

Sem querer discutir o parecer e as ordens do chefe Carlos Gonçalves, que estimo e aprecio, venho suplicar que me ajude a não ir a Lisboa sem o bom «Chico das Pombas», dizendo uma sua palavra para que o castigo que merece o Chico não seja perdoado, mas só prorrogado para outra ocasião.

O Padre Américo sabe muito bem e melhor que eu que uma das expressões da caridade cristã é o perdão e a indulgência para quem comete uma falta que, no caso do Chico, me permito supor que seja muito pequena.

Espero, portanto, ser atendido neste pedido que me permito renovar com os meus agradecimentos antecipados, creia-me com toda a consideração.

Dr. A. Lavezzari

Tudo no seu lugar. Cada carta, em si, é um momento. Eu acho isto uma colaboração estupenda. O Mundo interessa-se por esta sorte de Rapazes e também o faria por Raparigas. O Mundo tem ansia de amar: *ajude-me a não ir a Lisboa sem o bom Chico das Pombas*. Como está longe de ser humano o clássico asilo, que até hoje pretende sinceramente, creio, servir a Humanidade?

Nós mandamos quinzenalmente duzias de rapazes, que levam a Boa Nova às cidades principais: Viana, Braga, Guimarães, Famalicão, Porto, Espinho, Aveiro, Coimbra, Lisboa. Toda a gente os espera. Sentam-nos à sua mesa. Dão-lhes presentes. É a cooperação.

O patrão do Tomar deu-lhe um relógio. Eu vi e disse ao Carlos que o guardasse no cofre da casa, para lhe dar quando ele tiver bigode. O rapaz, mais hoje mais amanhã, vai necessariamente examinar como aquilo é por dentro... Mande-o guardar. Poi quem é que ficou muito triste? Quem foi? O rapaz? Não senhor. Foi o seu patrão! Tanto que eu mandei entregar o relógio! Oh Beleza! Oh Criança abandonada, que fazes tão profunda violência ao coração dos homens, porque também o fazes ao Coração de Jesus!

É são estes verdadeiros tesoiros que vivem sequestrados! Menos Institucionismo e mais Instituições.



O Carlos Rebelo, chefe do Lar do Porto, que brinca com todos, sim, mas não é nada para brincadeiras...

O Chico de Casaldelo que o diga...!

Tribuna de Coimbra

Cautelas... Ai da p bresa envergonhada! Que miséria as telhas do telhado por vezes encobrem?

Padre, venho pedir-lhe que me ajude com alguma coisa para comprar estreptomocina para uma filha. O meu homem abandonou nos há três anos e vive com outra mulher; tenho oito filhos: o mais velho está no Sanatório de Covões por misericórdia, a rapariga a seguir está doente, e só um rapaz está empregado e os outros são todos pequeninos. Pode acreditar, que é certo.

Nós que em casa não damos esmolas extraordinárias a pessoas que desconhecemos, eu disse que iria no outro dia a sua casa. E fui e ali vi tudo. Eram dez horas e meia e *ainda estamos todos em jejum*. A mulher queixava-se e com uma pontada. Os filhos, alguns ainda pequeninos, de olhos encovados e tristes: *ainda estavam todos em jejum*. A nossa fortuna está aqui: era um tor de cautelas de casas de penhores. Examinei todos os papeis: coberturas, roupas e mais objectos, tudo penhorado já há tempo; *veja a nossa roupa*.

Retirei algumas cautelas (as da roupa) e fomos a uma das ditas casas. Comigo tinham ido dois dos nossos e dei todo o dinheiro a um deles para libertar aquela riqueza. E, ao tocar nas cautelas, tinha dito que *infelizmente já sei o que isto é*, agora liberta aqueles seus irmãos do frio, da dor, do peso.

Feitas as contas, a soma deu exactamente o mesmo que na véspera um enfermeiro de consciencia delicada me tinha dado no Hospital. A não da Providencial Quem não acredita?

Ao despedirmo-nos fiuei a olhar para aquela infeliz e por os três embrulhos e a pensar que daí a pouco tempo estariam novamente ali. Só o filho a ganhar quatrocentos escudos e a pagar duzentos de casa e tanta gente a comer... Os dois mais velhos já tuberculosos e os outros irão pelo mesmo caminho. Quem os quer salvar?

—Livros usados e 50\$00 e uma A. Maria por uma intenção particular; e uma Maria apóstola com quarenta e orações; e rebuçados; e cinquenta deixados no Castelo para a Conferencia; e 262\$00 de uma consciencia delicada com a virtude da justiça. Contas rectas com Deus e com os homens. E uma s. l. de um rapaz amigo; e mais roupas usadas; e uma coelha e seis ovos de galinha dos empregados dos S. Municipalizados. Foi o resultado de uma rifa e afinal os sorteados fomos nós. O poder do amor! E umas senhoras que vieram a Miranda e deixaram cem e amendoas. Foram as primeiras e as últimas que nos deram aqui. Mas bem divididas chegavam a todos e depois veio o Sr. P.^o Adriano com um grande cartucho delas. Tudo de Coimbra.

E meias e lenços de Lisboa. E uma carta a pedir e ve... resposta numa camionete... lenha de um vizinho... E ainda outra carta a... logo a resposta num car...



O Chico de Casaldelo aqui chamado o Chico das Pombas, que por pouco não ia ver o Portugal — Itália; e antes não tivesse ido...!

O que este rapaz era! Ele fugiu e tornou a vir. Fugiu outra vez e regressou. Mais uma vez e de novo bateu à porta! E ainda não é bem fixe, mas as pombas têm-no composto. Ele ama as pombas. Mal se levanta, manhãzinha, vai ter com elas. Quando eu vou ao Porto almoçar, Chico entra no refeitório com delas pousadas nos ombros a fazer carícias. Um domingo por outro, Chico vem a Paço de Sousa, dirige-se ao nosso pombal e ali passa a manhã inteira, a conversar. O que ele foi! Mas eu confio... São as pombas. E dizem que eu sou o Pestalosi e o primeiro educador e mais coisas por aí fora! Sou nada. As pombas é que são.

Continuação da página anterior

desvelar-se em solicitude pela pobrezinha das Comendadeiras; 100 em acção de graças por coisas boas que aconteceram, pelas lágrimas e desgostos passados e pela confiança depositada em Deus e na Obra.

100 de Leiria também para as amendoas, 200 para os batatas, 100 em placas de 10\$ coleccionados por um jovem que Deus levou e pelo qual celebramos.

Uma colecção de bons livros, muitos jornais e papeis usados (sujeitos não) cuja venda tem dado boa receita.

Os Empregados da Vacuum e da Nestlé continuam sem desalento e o mesmo fazem muitos de outros escritórios onde os vendedores do jornal são recebidos de braços abertos.

Mais dois dias de indizível alegria dos Rapazes da Conferencia: um ao saberem do donativo de 1 000\$00 duma Senhora para os seus Pobres, outro no dia em que o fo am distribuir.

Mais 40 para os mesmos e vinte com igual destino.

—Com mais uma casa dobrou a necessidade dum relógio de sala. Nem no Palácio nem na nova casa... relógio. Ni guém sabe as... que são. O que nos vale é o... dias em que nos visita e o apito da fábrica de papel da Abilheira...
P.^o Adriano

Do que nós Necessitamos

MAIS de Lourenço Marques uma caneta e mais coisas para o Risonho não andar triste. Ora vejam os senhores; as lágrimas do Risonho passaram as águas do mar! Sim senhor; recebemos tudo do assinante 10213 e cumprimos. Mais 100\$ do Porto. De Z. O. S. 500\$. Entregue no Lar do Porto 50\$. Entregue na venda 40\$. Mais 120\$ do Porto.

Os senhores querem saber o que se passou comigo ontem, no Porto, durante meia hora que ali jardineei? Ora vejam e pasmem: Mais 500\$00. Mais 100\$. Mais 50\$00. Mais 50\$. Mais 20\$00. Mais 100\$. Mais 20\$. Mais 140\$00. Esta última quantia, fiz violencia para não aceitar; era de uma pessoa pobre. Mais violencia fez ela e eu aceitei.

De entre a montanha de coisas retiradas do Depósito, viu-se um envelope em branco por fora e por dentro uma nota de mil. Mais 100\$00 do Porto. Mais 500\$00 do Suíço reformado ao Pestalozzi Português. Estou admirado! Mais 20\$00. Mais esta carta de Leiria:

Padre

«Na sala dos oficiais do quartel, leio o «Gaiato» que em estudante, sempre lia no Porto. Conheço a vossa aldeia, pois

dei lá um passeio com os meus colegas da J. U. C.

Do primeiro dinheiro que ganhei, aqui vai uma parte. Gostaria que metade fosse entregue à Conferência de S. Vicente de Paulo dos Gaiatos.

Será o produto de abstenção de idas ao café e ao cinema, um pequeno sacrificio, em troca de horas esplêndidas da leitura do «Gaiato».

Mais esplendido o acto heroico! Lourinhã para os Pobres do Barredo. Mais 200\$00 de Lisboa. Mais uma encomenda do J. M. G. Mais da Irmã Reparadora que dá catequese nas ilhas, um tostão de um pequenito que lho dera «para os pobres»; ao que ela juntou mais 49\$90, das suas extremas dificuldades financeiras. Este tostão, foi dado ao do Barredo que jaz no catre, à espera de um leito no Sanatório. Mais um espolio de 600\$00. Monte Estoril 20\$00. Mais 100\$00. Mais a professora de Quadrazais com metade do seu primeiro ordenado — 600\$00. Que heroismo! Mais 20\$00 para o Barredo. Mais 10\$00 para o Barredo e outro tanto para os pobres da Conferência. Mais 100\$00. Mais 162\$40 recolhidos numa caixa de esmolas. Mais 20\$00 de Lisboa. Idem Amarante.

Notícias da Conferencia da Nossa Aldeia

Guilherme, o petiz tuberculoso, pióra a olhos vistos. Pede coisitas e a mãe dá. Um dia destes apeteceu-lhe comida de pensão... E comeu comida de pensão. Jovem, na flor da idade, o mal que o atormenta levá-lo-á para o Reino dos Justos. E porque não? O sofrimento, é um dos meios mais eficazes de expiação. Sofrer... Tantos nossos irmãos a sofrer, tantos! Ainda há bem pouco li em algures, um estudo sobre o terrível bacilo que devora a humanidade. Estatísticas, problemas, opiniões, etc. etc. No final de contas, é necessário trabalhar muito e muito! Avante. Se há doença que mais preocupe as famílias pobres, a tuberculose é a número um! Que o digam os vicentinos, mais que os números...

O Sr. Maia, o velho-jovem, sempre disposto para cavaquear e para o sério trabalho de enxada, por não querer médicos, chegou a um ponto muito desanimador! É de tal forma contrário ao uso de drogas farmacêuticas e médicos, que teve em seu poder uma receita com autorização para levantar os remédios na bótica e se não fosse o confrade visitado e passados tempos lembrar-se da dita, continuaria fechada. Tem mais fé nos seus remédios: ervas, etc. etc.

bém com lenha. Não dá para assustar, porque já temos pouca. Isto aqui é assim: tu lo faz fogueira. Eles nunca assim tinham visto donde vieram.

E uma coisa de Mira que se combinava com as mãos e mandavam-nos a não fazer as coisas que são um pecado. Aonde já vai! Até de Miral

Padre Horácio

Estão com telha as primeiras casinhas, algu-

AGORA

meu aumento de ordenado. Ao lado vai uma

mas das quais se mostram à beira de quem passa, na estrada pública. Elas são testemunhas e dão testemunho de Jesus de Nazaré.

Quem passar e perguntar e saber, pode levar a semente para outras terras. Assim fazem as abelhas mai los passarinhos; a fecundação da vida!

Sabemos do Evangelho que a semente não cai em terrenos iguais. Há os pedregosos. Há os de silvados. Há os pardos e secos: Saiu o que semeia... Mas há, também, os fundos aonde a semente dá cento por um. Os transeuntes hão-de ver, perguntar, saber, encher-se... e deixar cair a semente.

Mais 50\$ para a nova procissão. Mais metade para a nova obra.

Coimbra vai com 100\$, com melhores votos de bom exito. Foz também enfileira com metade. Lisboa segue a par, com o dobro. S. João da Madeira leva 100\$00 do

DESDE 26 de Janeiro de 1950, que não voltei a ver a nossa Aldeia de Paço de Sousa.

Nessa mesma data, à tarde desse mesmo dia, dei eu entrada num Sanatório, para me tratar.

Os meses vão passando e eu internado. Vem a páscoa de 1950, dia da Ressurreição do Senhor, que é passada no dito Sanatório.

E os meses continuam passando como uma rotativa.

Eis que se apróxima a páscoa de 1951. Eu e outros companheiros doentes pedimos licença para o dia de páscoa. É-nos concedida essa licença. Começo a dar as voltas necessárias para ir à Casa do Gaiato de Paço de Sousa — à Nossa Aldeia — que já não via há um ano e dois meses.

Que saudades da malta!

Telefonei para o Lar do Porto, para o chefe maior, que é o Carlos Gonçalves, por sinal um bellissimo camarada — para saber se o Pai Américo me autorizava a ir passar a páscoa a Paço de Sousa. A resposta é positiva, agradeço e desligo.

Falo com uns amigos da Casa do Gaiato, que vão à Nossa Aldeia passar a solenidade do dia — a páscoa. Pergunto se há um lugar no automóvel, respondem que está cheio. E mais uma vez o Carlos Gonçalves mostra a sua camaradagem cedendo-me o lugar que tinha no automóvel, dizendo ele que ia de combóio. Cedeu o lugar a um seu companheiro que está doente.

Depois de tudo combinado e hora marcada, eis que deixo o Sanatório a caminho de Paço de Sousa, onde está situada a Aldeia dos rapazes da Obra da Rua.

Eram oito horas da manhã quando chegamos à Casa do Gaiato. Tinha nesse momento acabado de sair o Compasso.

A malta rodeou o automóvel numa gritaria alegre e saudável.

Cumprimentei o Pai Américo, o Sejaquim, o Sr. Gomes e todos os gaiatos.

Que pura e Santa alegria existe na Nossa Aldeia de Paço de Sousa! Uns momentos decorridos e chegou a hora da Santa Missa. Tudo no seu lugar. Cristo no Sacrário. O celebrante que é um Cristo verdadeiro nessa Santa Obrigação. O Sejaquim ao harmonium com os rapazes a can-

avó do Porto, a quem nasceu uma netinha; e o meu contentamento é tão grande que desejo dar uma pedra — 200\$.

Nasceu ontem esta procissão e já fala. Santo Tirso dá 50\$ e diz eu já tentei alguns passos para a construção de Casas para pobres. O que uns desejam outros fazem. Não é isto também a Comunicação dos Santos? É sim senhor. Oliveira d'Azemeis apresenta-se com 500\$ para telhas. Esta importância foi dada ao pequenito que ali vende o jornal. Lisboa torna com 100\$. O Porto, esse sobe mais alto; vai hoje uma família com uma dúzia de contos. Foi à mesa. Estavam Pai e filhos. Conversaram Dispuzeram-se. A primeira casa para pobres saiu daquela Casa de ricos, aonde não falta a vontade de dar. Oh riqueza! Que outros me falem assim. Doze é um número acessível.

ESTAMOS COM 17.275\$00

A MINHA PÁSCOA

tarem cânticos apropriados. Enfim tudo presta a maior atenção ao Santo Sacrificio.

Como me lembro da simplicidade da nossa Capela!

Acabada a Santa Missa, segue-se o pequeno almoço.

Depois deste, andei a ver a nossa Aldeia de ponta a ponta. Sempre a progredir.

Durante todo o dia a mesma alegria, a alegria que nos envia a Páscoa do Senhor.

Ainda da parte da manhã, fui com alguns rapazes e com os meus amigos de viagem, visitar duas pobres da nossa conferencia de Paço de Sousa. São elas a senhora Júlia e a senhora Teresa, ambas de idade, e que estão enfermas, necessitando do auxílio de todos. Deixamos as pobres na Paz do Senhor, e regressamos à Aldeia.

Quando chegamos, eram horas do almoço.

Bom apetite não faltou, assim como as amendoas próprias da Solenidade do dia.

Que mar de festa!

Depois do almoço fui descansar.

Eram três horas, quando principiou um desafio de futebol, entre as equipas do Lar do Porto e dos Gaiatos de Paço de Sousa. O resultado foi satisfatório, um empate a uma bola. O desafio teve a presença do Pai Américo que não se cansou de aplaudir ambos os grupos.

Eram cinco horas estava o desafio terminado.

O Pai Américo tinha avisado que vinha cá um senhor Bispo, que nos contaria a Ressurreição do Senhor.

O senhor Bispo apareceu e fomos para a Capela. Terminou a prática do Eminentíssimo Bispo, com Bênção do Santíssimo dada pelo Pai Américo. Saimos da Capela com o propósito de sermos bons uns para os outros, e sermos amigos de Nosso Senhor.

Todos ficaram muito encantados com a Ressurreição contada pelo sr. Bispo.

E a tarde ia descaindo.

Estava a aproximar-se a hora de deixar a nossa Aldeia para regressar de novo ao Sanatório

(Continua na página seguinte)

Divulgai

O GAIATO

angariando novos assinantes

ISTO É A CASA DO GAIATO

Ontem à noite descia eu as escadas do refeitório, em direcção à capela, quando dou por uma childeada atrás de mim. Eram os *Batatas* que se iam deitar. Eles dormem na casa quatro, andar fundeiro, o qual fica a uns 100 metros da casa mãe. Fazia escuro. Notei que o ajudante os não acompanhava e perguntei lhes por ele. O ajudante é o Tino. É vendedor. Foi pra venda, responde um dos mais pequeninos.

— Vocês vão sozinho?

— Pois vamos.

O pior é a luz, declara um que está ao pé; e com esta dificuldade, todos se retiraram alegres, a cantar, em direcção à casa deles. Fazia escuro.

Por aquele o pior é a luz logo compreendi que se tratava da lâmpada; eles não chegavam ao interruptor. Fui espreitar. Dois deles encostaram-lhe a cama e acenderam a luz. Pronto!

Feita a luz e como o seu pequeno ajudante não estivesse, todos se ajoelharam para as orações da noite, apagaram a luz e daí a nada, faziam O O.

Regressei meditando neste mundo de coisas saídas de um mundo infantil. Primeiramente a dificuldade prevista—o pior é a luz. Os 22 catraios ouviram, mas nenhum recuou diante dela. Muitos iam, até, já longe. Ninguém parou. Ninguém hesitou. Tudo pra frente. Em segundo lugar, temos a iniciativa; um banco, um caixote, a própria cama. Qualquer coisa que possa substituir a sua pequenina estatura. E a luz fez-se!

De sorte que estes rapazes, ontem da rua, hoje, fazem de conta que ainda são da rua; e assim como antes, também agora resolvem eles as suas dificuldades.

De regresso da venda, saíram agora mesmo daqui o Risonho, o Hélio, o Roque mais o Abel. As notícias fervem. Por mais que lhes diga para falar um por cada vez, eles não obedecem. Não são capazes. E às vezes engadelham!

Risonho dá um passo em frente e coloca sobre a minha mesa de trabalho uma caixa embrulhada em papel azul. Abriu. Era uma linda peça de roupa: foi a *senhora da Câmara*. Os olhos brilhavam. Ele quiz que eu pu-

CONTINUADO DA PÁG. ANTERIOR

do campo, da mata e da nossa Aldeia.

Chega a hora da despedida.

Despeço-me do Pai Américo, a quem pedi para me trazer para a Aldeia o mais breve possível. Despeço-me da malta, que perguntam quando venho de vez, não sei—respondo eu—quando Deus quiser.

Um último adeus, e lá vai o automóvel galgando a estrada, deixando para trás Paço de Sousa.

Eram 9 e 30 minutos quando entrei no Sanatório.

Eis como foi a Páscoa de um Gaiato, que está internado num Sanatório em Gaia.

Aos amigos da Casa do Gaiato, que me levaram no seu automóvel, e que foram para mim de muita gentileza, um muito obrigado.

Vim matar saudades. Saudades de todos, do Pai Américo, da malta, e dos batatas, aqueles pequenos encantadores da nossa Obra. Saudades.

Manuel Augusto Pinto

zesse a mão e que pegasse, e eu peguei. Depois pergunta se eu achava bonito. Eu disse que nunca tinha visto uma coisa assim! Enquanto de novo embrulha a caixa, Risonho explica que na outra quinzena a *senhora do Gaz* também lhe vai dar uma coisa.

Os quatro estavam. Um deles era o Abel.

Abel ouve as gabarolices do Risonho e mostra-lhe o seu relógio de pulso,—ora vê as horas...! O Abel é terrível! Risonho é de Trás-os-Montes. Não as corta. Encara o relógio, encara o Abel e exclama: eu também hei-de ter.

O *Tangerina* quer que eu o ponha no jornal. Ele é o Rufino de Oliveira d'Azemeis. Vende quase tanto como o Abel. Noutro dia chegou a casa às dez horas da noite. Carlos foi-lhe naturalmente à mão: *andei a vender*, disse.

Perguntei-lhe que família tinha. Tenho mais de 25 primos e tios, respondeu.

— Se tens tanta família porque é que estás aqui?

— Não tenho pai nem mãe!

O Rufino disse uma grande ver-

dade. Ninguém ama como os Pais! Vin-te e cinco primos e tios não valem uma costela da mãe. Mas uma coisa é mais que certa; quando o Rufino fizer o seu exame, aí vêm os vinte e cinco...

Todos nós sabemos que é proibido pegar no *Bobi*. Quem o fizer, come. Ora ontem, à noitinha, o Tino vem direito a mim com o *Bobi* ó coló, muito contente e a berrar: *Olhe o Bobi*.

— Tu não sabes que é proibido?

— Ail E' verdade. Desculpe!

E o Tino, com o mesmo à vontade, deixou ir o *Bobi*. Eu quedei e abracei o faltoso. Eu adoro estas *infracções*. Sinto nelas uma acção cheia de vida e de sinceridade. É a alegria deles. O *Bobi*, o ar livre, a porta aberta, eu, todos, tudo!

Xanxaxé acaba de me dizer agora o que muitas vezes me têm dito; quer ser alfaiate. *Eu quero ir pra alfaiate*. Mas eu fui avisado por um seu colega que ele, Xanxaxé, não quer nada ser alfaiate. O que ele pretende é mas é sair da obrigação por estar farto. Ele é da limpeza dos terreiros e avenidas.

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO Já semeamos algumas terras; algumas são para batatas, outras para milho, outras para feijão, melões, etc. Todas as terras que nós temos são cavadas por nós. Calculamos que com as batatas já semeadas, teremos cento e cinquenta, a duzentas arrobas delas. Mas como o inverno tem prejudicado as sementeiras não dispensamos que nos mandem alguma coisa. Somos muitos e pobres.

As nossas obras estão um pouco adiantadas. Os nossos carpinteiros já construíram o vigamento para o teto e para o sobrado. Agora falta-nos a telha que há-de vir de Taveiro porque não há cá em Miranda.

A Páscoa dos nossos pobres foi contemplada com alguma comida e um grande foliar que nós fizemos. Como há dias foi dito, temos dez pobres na nossa conferência, e é pena que os não possamos socorrer com mais alguma coisa. Portanto mais uma vez peço aos nossos queridos leitores que se lembrem de nós. Se houver alguma alma generosa que possa ajudar-nos, é favor.

Vamos ter brevemente um desafio com os alunos do Liceu D. João III. Para esse jogo temos que formar duas equipas: uma dos maiores e outra dos mais pequenos. Estamos à espera que nos tragam qualquer coisa. Estamos para ver.

João A. Alva

PAÇO DE SOUSA Agora que estamos na Primavera e está chegando o Verão, têm-nos visitado muitas excursões. No domingo passado então é que foi! Só camionetes eram para cima de 30 não contando com os automóveis que andavam à volta duns 50. Antes de se retirarem quase todos se explicaram...

O Valete que é um dos da Tipografia, fez anos. À noite uma comissão de amigos foram falar com a Senhora para não passar a seco, pois ainda não lhe tinham oferecido nada. A Senhora deu-lhe 14 rebuçados.

Depois na Tipografia, agarrou em 6 rebuçados e partiu-os ao meio, dando metade a cada um dos 12 tipógrafos.

Os outros 8 chupou-os ele, lambendo tudo... Já começaram as sementeiras das batatas. O campo que fica em frente à casa mãe está quase todo pronto. O Sérgio é que anda a comandar.

Agora vamos a ver se dá uma boa colheita porque já temos poucas, estando as do ano passado quase todas comidas.

Vimos fazer um pedido caros leitores, esperando que não se esqueçam.

É que há cá um rapaz que anda muito entusiasmado em coleccionar selos.

Mas acontece que não tem um album onde os meter e mesmo selos tem poucos.

Portanto se os nossos amigos leitores tiverem

por casa, selos usados e um album a mais, muito agradeceríamos.

Podem mandar em nome de Jacinto de Jesus Albino porque se não o Moléstia caça-os todos para as Missões...

FERNANDO MARQUES

PORTO Mais uma deslocação e mais uma vitória do nosso invencível team. Desta vez como tinha anunciado no jornal anterior, fomos até S. João da Madeira.

Este jogo para nós era de grande importância, pois iam os estrear um equipamento nosso, igual ao do F. C. P. O nosso adversário foi o Atlético Clube Sanjoanense, grupo este filiado na Associação de Futebol de Aveiro. O jogo principiou às 3 e 15; passado um quarto de hora o avançado-centro local marcou o primeiro e único golo para a sua equipe. Aos vinte e nove minutos de jogo empatamos por intermédio do nosso ponta-esquerda. Assim terminou o primeiro tempo com as equipas empatadas a uma bola.

Na segunda parte o nosso adversário foi dominado, tendo a nossa linha avançada marcado mais duas bolas. O jogo terminou com a nossa vitória por 3-1.

Portuenses, dada a forma como se encontra o nosso grupo de futebol, que há dias fez um ano que foi fundado, seremos nós esta época, os representantes da Casa do Gaiato, no já tradicional jogo, no campo da Constituição.

Vamos fazer o possível para que o jogo se realize no primeiro domingo de Maio. Será desnecessário pedir a comparação dos verdadeiros afeccionados de «O Gaiato», pois esses estarão presentes.

Carlos Gonçalves

S. JOÃO DA MADEIRA No passado dia 11 realizou-se no Cinema desta vila, o tão desejado espectáculo em benefício do nosso Lar. Apesar de não ter sido com grande êxito, o espectáculo revestiu-se de muito interesse, correndo brilhantemente. Após a sessão, a gente ficou satisfeita, não só pelo Documentário, mas também por tudo mais. A récita foi simples, mas não quero deixar passar em branco como decorreu. Primeiro ponto: A apresentação do Lar, falando primeiramente o Carlos Inácio (chefe) e discursando o Machado e o Buarcos. Depois, os restantes dizendo cada um a sua naturalidade, e onde trabalham. Segundo ponto: Usaram depois da palavra o chefe do Lar do Porto (Carlos) e o Júlio de Paço de Sousa. Terceiro ponto: Decorreu o Documentário Cinematográfico da Aldeia de Paço de Sousa, que toda a gente gostou, não só pela sua formosura, mas também pelo exemplo que oferece aos espectadores.

Não admira. Como os leitores veem foi uma récita simples. Uma coisa muito interessante.

O Sinfães é coisa mais séria. Base quer ser relojoeiro. Sinfães é um exame certo, já perguntei ao seu professor. Que sim. Vai a exame. Ora temos Sinfães dentro em breve numa oficina de relojoeiro. Vai passar a ser o rapaz mais admirado e mais prestigioso de todas as nossas Comunidades. Relojoeiro! Lidar com relógios por dentro e por fora. Sobre tudo por dentro...!

Está para grandes alturas o Sinfães. Vou tratar do seu emprego. Nós somos amigos. Já pegamos ambos à padiola...

Ontem, sábado, dia de banho, no nosso balneário é uma hora de barulho. Vai das 4 às 6 da tarde. Entrei e dou com um deles muito hirtó, a passear no pavimento. Há 24 cabines todas ocupadas. Na ocasião estranhei.

— Que fazes aqui?

— Estou a cheirar!

Não me lembrava da sua obrigação. Realmente, àquela hora, deputa-se um dos mais espertos e mais rijos, para cheirar o rapaz que sai da cabine. Se não estiver convenientemente lavado, torna a lavar-se. Já tem havido molho...!

Este espectáculo não era para quem quizesse ver, sim, era para quem quizesse assistir, mas só com convites. Antes uns dias por nós antecipadamente designados, o Sr. Carvalho chefe dos Correios desta pitoresca vila, escreveu os nomes do pessoal mais importante, e nós escrevemos em cartas com um cartãozinho que anunciava o Convite.

Adquirimos uma quantia aproximadamente de 2.450\$00. Mas temos a plena certeza que se fossem todos os convidados a receita não seria esta...

O facto de Espinho ser de S. João da Madeira na venda do famoso, causou sensação nestas duas localidades. Quando ali foram vender o jornal muitos senhores do Sanjoanense compraram o famoso entusiasmados com o sucedido, outras pessoas desta terra também ficaram muito admiradas. Isto é uma prova evidente de que Espinho e S. João da Madeira são duas vilas amigas da nossa obra. Espinho também dá! Quando ali foram vender o jornal ultimamente, um espinhense deu 20\$00, outros senhores ofereceram algumas roupas para Paço de Sousa. Também uos ofereceram uma grande posta de presunto.

A todos os nossos assíduos Benfeitores os nossos profundos reconhecimentos e muito obrigado.

Têm-se verificado ultimamente, desleixo por parte nossa. Uma das causas é esta:

Temos o nosso campo de recreios em volta da casa, e por azar fica uma parte da casa inclinada para ele. Ora nós quando andamos a jogar a bola, com aquela febre de meter um golo, não há coisa mais fácil do que partir um vidro. São estes e outros factos que se têm verificado. O nosso chefe, Carlos Inácio, reduziu-nos a bola, isto é, só jogamos três vezes por semana. Isto é para que tais factos não se repitam. Outra maneira não podia ser; porque a bola para nós gaiatos, vale mais que a própria Vida... Temos a mesa de Ping-Pong completamente parada, visto não termos bolas. Como já aqui disse, o Bazar do Porto, é que se podia lembrar de nós...

JOSÉ MARIA SARAIVA

QUASE ESGOTADO!!!

Para evitar o desgosto de não possuir o livro

«Isto é a Casa do Gaiato»

Faça o pedido num simples postal à

Editora—Tipografia da Casa do Gaiato—Paço de Sousa